
P^{ol}itica



1 9 3 0

Ano II

N.º 12

REDACTORES { *F. P. Dutra Faria* (F. L. U. L.) | por
 { *Damião Mascarenhas e Silveira* (F. D. U. L.) | Lisboa
 { *J. M. Maravilha da Rocha* (F. D. U. C.) por Coimbra

ADMINISTRADORES { *Valentino de Sá* (F. M. U. L.)
 { *Francisco Galvão* (F. D. U. M.)

EDITOR — *Antonio de Souza Rego*

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTA* (Em regulação)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol e Santa Catarina, 40-A, 1.º

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lusitania — Rua do Sol e Santa Catarina, 40 — LISBOA

SUMARIO

do Passado no Presente	<i>Francisco da CUNHA LEÃO</i>
A margem dum Livro	<i>Leão RAMOS ASCENSÃO</i>
Considerações	<i>Francisco DE PAULA</i>
Lições de St.º Tomaz	<i>Antonio do AMARAL PIRRAIT</i>
Unamuno	<i>Dutra FARIA</i>
Transcrições	
nota politica internacional	<i>Antonio de SOUZA REGO</i>
politica académica	
de arte	<i>Dutra FARIA</i>
de letras	<i>Francisco DE PAULA</i>
ao ritmo da Ampulheta	
Integralismo Lusitano	

ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Continente e ilhas	10\$00
Provincias Ultramarinas	15\$00
Estrangeiro	20\$00

Numero avulso 1\$50

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Política

REVISTA QUINZENAL

ORÇÃO DAS JUNTAS ESCOLARES DE LISBOA, COIMBRA E PORTO
DO INTEGRALISMO LUSITANO

Redactor principal — António do Amaral Pyralis (F. S. U. L.)

Lisboa, 15 de Maio de 1930

do Passado no Presente

E' necessário distinguir o nosso tradicionalismo duma espécie de culto da tradição muito em voga nos tempos românticos que se comprazia em contemplar ruínas de castelos desmornados e em percorrer melancolicamente, a horas mortas, de chapéu na mão, tortuosas ruas de velhos burgos esquecidos.

O culto eudocista da Tradição não satisfaz as inteligências dos contra-revolucionários do século XX.

O tradicionalismo integralista é um tradicionalismo vivo. Não se reduz a um mero culto sentimental do Passado.

Porta-vozes duma nova ordem social, pretendemos sobretudo construir.

O nosso Tradicionalismo consiste em nos utilizarmos das lições da História tão rica de ensinamentos e em preconizarmos a substituição do individualismo democrático dissociador e revolucionário pelo natural desenvolvimento das actividades reais organizadas.

O tradicionalismo dos contra-revolucionários modernos é portanto, embora a poesia por vezes o acompanhe, uma conclusão da inteligência e um sentimento forte que leva fatalmente a agir.

A expressão que melhor o define é a de *Tradicionalismo dinâmico* e vindo do Passado encerra o germen do Futuro.

Toda a ciência positiva lança mão dos dados da experiência para estabelecimento de suas leis e aplicação delas.

A Política como ciência prática não pode desprezar os factos.

Da crítica deles, relacionada com as causas e os efeitos, surgem lições que se não devem de modo nenhum perder, mormente quando se trata, como agora, de reformar uma sociedade cuja constituição é de manifesta deficiência provada pelo engrossamento constante das fileiras extremas quer da Direita como da Esquerda — que são fileiras também de descontentes da Democracia.

Mas, enquanto os reformadores ditos da esquerda, ainda presos

POLITICA

a certos principios perigosos, *socialicidas*, da Revolução Francesa, se obstinam em realizar uma utópica igualdade contra a Natureza e contra a História vendo erradamente no desenvolvimento social não o producto do homem como *ele é*, mas um desvio, um crime contra os seus metafísicos direitos, confundindo a igualdade metafísica com a desigualdade terrestre, nós, os reformadores da extrema direita, vemos na formação das sociedades a procura, a tendência do homem a formar os quadros a que melhor se adapta a sua natureza, e na desigualdade a resultante incorrigível da desigualdade natural e a *maneira humana de especialização e progresso absoluto*.

Portanto a História não é uma mentira.

Se muitas páginas de sangue e de mal-estar ela contém, devidas aos erros e às ambições dos homens, ela assenta num fundo de verdade, de coerência com a natureza do homem, mais difícil de prever mas de tanta realidade como o da história natural.

Fica assim constituindo o vasto campo de observação das sciências sociais e os seus traços têm de ser inteligentemente observados na génese e na ramificação complexa dos seus resultados.

O presente aparece-nos assim quasi sempre como uma projecção de factos passados.

Embora as condições variem nada se nos apresenta totalmente liberto de influências anteriores.

Velhos troncos continuamente se ramificam, diferenciados no Espaço, crescidos e transformados no Tempo.

Aparece-nos assim o desenvolvimento social harmonioso e continuo, mergulhado por fundas raizes nas remotas entranhas da História.

Naturalmente se foram formando as sociedades e as civilizações diferenciadas no convívio secular de Terras diferentes e por fortes especializações colectivas.

Lam-se formando agregados naturais de cujo seio como resultantes concretas saíam reis e juristas, guerreiros e poetas — racionalizadores e intérpretes das tendências e dos sentimentos da grei — cérebro e coração do organismo constituinte.

Assim num dado momento aparecem-nos as nações com um conjunto de tendências naturais e vocações espirituais, com um modo de ser próprio — unidas a Terra e a Gente num corpo indivisível.

Suprimil-as seria ir contra a Natureza, seria aniquilar belos resultados que a diferenciação produz em todos os ramos da actividade, seria mesmo *impossível*.

E a Anarquia constataria com os factos o sentido depreciativo em que a palavra é proferida...

A' beira-mar em luta pela Fé e pela Terra se formou Portugal. Da natureza orgânica, por isso acumuladora e dinâmica, das Famílias e dos Municípios, do Clero, da Nobreza e do Povo, brotaram tódas

essas magníficas expressões pessoais da Raça cujos feitos e virtudes ainda hoje nos deslumbram.

Podemos comparar a Tradição a um rio :

Por concorrência de vertentes vai-se formando o caudal que cava o seu leito, mercê das aguas acumuladas.

Se taparmos a trajectória natural as aguas dispersam-se, perdem-se, e a força da corrente inutiliza-se, fragmentada contra obstáculos sem número.

O liberalismo barrou a trajectória natural da sociedade portugueza. Dissociou os órgãos nacionaes que num trabalho lento e continuo elaboravam energias.

Debilitou a actividade orgânica promovendo a dispersão atómica do homem em que, solto dos laços sociais que o moderavam e tornavam productivo, depressa se manifestou o predomínio do individuo com todas as más manifestações de instintos e tendências contraditórias libertadas numa imolação pagã do Equilibrio e da Unidade. Daí o Capitalismo, a Dissolubilidade Conjugal, a Demagogia — feixes de más instintos e de más tendências corporizadas.

A corrente desfez-se e a agua que a compunha perde-se, indo formar charcos estagnados e dispersos.

O que se deu no campo social e politico depressa se fez sentir nas manifestações da Inteligência e da sensibilidade a ponto do génio no século XIX passar a conceber-se como desordem mental, constituindo assim um objecto da Patologia.

Urge restaurar a maneira de ser portugueza, destruir o dique oposto pela Democracia à tradição, canalizar os materiais dispersos ao verdadeiro curso.

Que a Inteligência ao lado da Natureza aprenda nas suas lições a maneira de ordenar de novo !

Somos tradicionalistas porque preferimos a arquitetura aérea de metafísicos sistemas e ás concepções abstractas de certos ideólogos a continuidade natural das sociedades secularmente formadas no contacto da Terra e na prática da Fé.

Esta é a tradição dinâmica, coordenadora, acumuladora e creadora de energias, garantia da Ordem e realizadora da Verdade.

E se me pergustarem se existe uma unidade superior à das nações — oceano em que os rios devem desaguar — responderei afirmativamente.

E' a finalidade comum dos homens e das nações concorrendo em Deus, principio de harmonia, razão de ser do equilibrio entre os homens e as nações.

E assim como na ordem moral a tendência para a harmonia se realiza por submissão do individuo à pessoa na Ordem Social, sua coordenada, a mesma attitude preconizamos em nome da Inteligência.

Francisco da CUNHA LEÃO

à margem dum Livro

UM ROMANTICO ESQUECIDO

A figura interessante e injustamente esquecida de António Ribeiro Saraiva ressurgiu a nossos olhos, aureolada de simpatia. Sardinha encara-o sob três aspectos: o homem, o político e o poeta. Considerando-o um tipo representativo do romantismo português, que distingue com boas razões do deletério romantismo francês, António Sardinha retoma o seu tema predilecto da sensibilidade portuguesa e do nosso lirismo natural. Se, na verdade, a concepção do amor que ressalta do «Amadis» e da «Diana» de Montemór, exerceu tão grande influência na Europa, quer pela tradução francesa daquele por Des Essarts, quer pela *Asbréc* de Honoré d'Urfé e pelo sensibillismo de Rousseau, donde depois derivaram todos os desregramentos sentimentais do romantismo, não se pode dizer, no entanto, que essa tara doentia exista no nosso lirismo, que de forma nenhuma nos inutilizou para a acção das conquistas e dos descobrimentos. Com effeito, o amor que os nossos poetas cantam é um amor casto e fiel, é uma tradução da honra, e a exaltação da mulher não representa mais do que a realidade social portuguesa, visto que a mulher se deu um grande papel na nossa instituição familiar, como se prova pelo característico regime português da comunhão de bens. Isto é, os franceses e *tutti quanti* não souberam interpretar o nosso lirismo, pleno de humanidade, nem a nossa sensibilidade ternamente emotiva, mas não eliminada. E' o que António Sardinha exprime numa frase felicissima: «*Assentemos que o lirismo para nós é alma, enquanto para os outros é imaginação, - e o problema fica inteiramente esclarecido, desde a génese longínqua do Amadis até ao alcorocer do Romanceiro com Garrett*».

Ribeiro Saraiva, na sua paixão veemente e portuguesa por Catarina Sherson, é assim, sincero, humano e natural, refletido e honesto. Estava em Londres como agente de D. Miguel I. A queda do Rei legitimo, por virtude da colligação estrangeira contra Portugal, lançou Ribeiro Saraiva na mais desesperada situação económica, pois viu-se obrigado a fazer-se negociante de vinhos para viver. A familia da «sua querida Catarina» opoz-se então ao casamento, que já não oferecia vantagens. E Ribeiro Saraiva, embora sangrando de dor, resignou-se heroicamente, não aceitando o governo intruso de Portugal e recusando-se até a voltar ao Reino, onde seria «um emigrado perpétuo». Desfez-se o seu sonho de amor, mas manteve-se na sua dignidade de

homem honrado e cristão, de cujo «Diário» se vê quão grande era a sua alma.

O político tinha uma visão admirável das coisas portuguesas, como o provou nas suas conferências com Metternich e o Ministro dos Estrangeiros da Inglaterra. Quando fete uma vez o interpelou sobre a situação de Portugal, Saraiva respondeu com o sentido perfeito da verdade política portuguesa. Para elle, a legitimidade não era só o direito de D. Miguel ao trono português; era mais do que isso, porque era o verdadeiro direito constitucional português, o que elle chamava «verdadeiros contratos sociais». Em comunhão com El-Rei D. Miguel, Saraiva repudiava o absolutismo, explicando que os legitimistas queriam restabelecer «a bella organização da nossa admirável Constituição antiga, libertada das formas absolutas e heterogêneas» introduzidas pela ditadura pombalina. Assim a nacionalidade reagia contra os dois absolutismos, que são, como diz A. Sardinha, o *absolutismo monarchico, enertado por Pombal na arca da nossa realza tradicional, e o absolutismo parlamentar, importado de França com a aragem nefasta da Revolução»*.

O poeta, finalmente, considera-o António Sardinha, citando a propósito vários trechos, «precursor do regionalismo em Portugal». Há, de facto, na sua obra, cheia de lirismo, de inspiração tradicional, de evocações locais, uma espontaneidade e uma fragrância regionalista que lhe dão direito a um lugar de destaque nas nossas letras.

Sendo o romantismo português como Garrett sobretudo o exprime, uma tentativa de regresso ás nossas tradições, ninguém o compreendeu melhor que Saraiva, que foi um romântico na sua vida, um tradicionalista consciente — isto é, católico e realista, — e um poeta que nos costumes tradicionais da sua terra encontrou belos motivos de inspiração.

E para esclarecer melhor o pensamento exposto sobre o romantismo português, deve dizer-se que entre nós a verdadeira tempestade sentimental só aparece com o ultra-romantismo.

O SÉCULO XIII

Quem não teve a felicidade de ler na revista *Lusitânia* este retumbante ensaio de António Sardinha, pode lê-lo agora no livro que estamos analisando. Pretenden retratá-lo o sr. António Sérgio, publicando na *Scara Nova*, depois do falecimento de Sardinha, um artigo miserável que Manuel Múrias autopsiou energeticamente na *Noção Portuguesa*, demonstrando á sociedade que Sérgio tinha deturpado e mutilado os textos dos autores que citara, violentando-lhes o sentido (como é de seu hábito de trapalhão intelectual) e, depois dos trechos mutilados, insinuando infamemente que António Sardinha, falecido, tinha procedido menos honestamente nas suas citações.

Pretende António Sardinha reabilitar o século XVII das colónias com que o tem abocanhado o facciosismo jacobino, filiando essas colónias no livro-mestre da colónia que é a «Dedução cronológica-analítica.»

É o século do esforço heroico da Restauração. É extraordinário o valor político, militar, intelectual dos homens que a consolidaram, através de dificuldades sem número. E quem eram esses generais e políticos que assim se improvisaram? A maior parte deles, homens educados pela Companhia de Jesus. E a «campanha intelectual» da Restauração por quem foi movida? Também por antigos discípulos dos jesuítas que estes tinham precedido, ainda em pleno domínio castelhano, dando consistência doutrínaria ás nossas aspirações de independência. O sr. dr. Cabral de Moncada, numa conferência notável, definiu 1640 como a «restauração do pensamento político português». Ora este pensamento não estava de modo algum de harmonia com o pensamento coevo. Era o período do absolutismo, quando o livro *De legibus*, de Suarez, era queimado pelo carrasco em Paris, por atingir o direito divino dos reis. Em Portugal ensinava-se e cultivava-se com grande vigor intelectual, que só por si honra este século, o molinismo e o suarismo. E estas doutrinas de *liberdade* foram depois defendidas, espalhadas por toda a Europa, numa profusão e numa afirmação doutrínaria que se impuseram. Generais, diplomatas, filósofos, doutrínadores... Grande século e grandes educadores que eram os jesuítas, para poderem provocar um movimento tão pujante!

É o século XVII também o «século da prosa portuguesa». Os grandes mestres da língua são deste século. Foram eles que lhe deram maleabilidade e brilho, elegância e qualidades literárias, fixando a língua definitivamente.

E a acção dos nossos missionários, também jesuítas na sua maioria? Trazendo os povos indígenas á civilização e á lè, fazendo ao mesmo tempo rasgada obra nacional, não deixaram os missionários, pela própria necessidade da sua acção, de estudar a língua desses povos, fazendo trabalhos notáveis sobre as linguas indígenas, «preparando com recuada antecipação o caminho á filologia comparada.»

Mas há um aspecto no século XVII que não é demais salientar-se: é o que se refere ao movimento filosófico que nunca em Portugal foi tão intenso e tão brilhante. O molinismo, que defendia ardentemente o livre arbitrio contra as doutrinas protestantes da predestinação, e o suarismo, forma notável do tomismo, importante sobretudo nos aspectos jurídico e político, tiveram o seu foco mais luminoso em Portugal com a chamada «escola coimbrã» e os mestres de Evora. Já Menendez y Pelayo o tinha salientado. Só preconceitos filosóficos e... a ignorância do latim é que podem impedir que se preste a este ramo da história da filosofia a justiça merecida. Molina foi professor da Universidade de Evora; Suarez da de Coimbra. E é Pedro da Fonseca, e é Frei João de S. Tomás, e é Baltasar Teles, e

são Manuel de Góis e Sebastião do Couto, autores do «Curso de Artes», publicado pelo Colégio Conimbricense, que «serviu de título de ensino a toda a Europa culta». Foi esta admirável «escola colimbrã» que veio a desaparecer com a reforma pombalina. E Manuel Murias bem pode perguntar na sua obra *O Setecentismo em Portugal*: «Que lucro a história do pensamento português com isso? Que obra notável derivou da reforma tão gabada de Pombal?...»

Outro jesuíta, o Padre Manuel Alvarez, faz a célebre gramática latina que serve de compêndio a toda a Europa durante séculos.

Frei Serafim de Freitas rebate Grócio triunfantemente no seu *De justo imperio lusitanorum viratico* que hoje todos podemos conhecer, graças ao trabalho meritório do sr. Dr. Marcelo Caetano.

Todo este grande esforço, as qualidades reveladas por esta *déca* magnífica, bastam para demonstrar a superioridade do ensino jesuítico, hoje, de resto, reabilitado por insigoes pedagogos. Aos jesuítas se deve o que hoje chamamos o ensino secundário, foram eles que souberam tirar do ensino das humanidades o maior proveito. A sua paixão desinteressada pelo ensino era tal que os seus colégios se multiplicavam por todo o país, ensinando gratuitamente, e com uma afluência extraordinária. Isto em pleno obscurantismo! Em face de todos estes elementos, Sardinha pode afirmar com segurança: «E' o século em que, proporcionalmente, a cultura geral se acha difundida com maior largueza e penetração».

Jesuíta era o Padre António Vieira, diplomata e orador extraordinário, também deste século.

E' ver a teoria dos obreiros da Restauração, cujo valor explica o assombroso milagre da reconstrução duma Pátria arruinada, depois de 60 anos de domínio estrangeiro: militares como Salvador Correia de Sá, o Marquês de Marialva, D. Sancho Manuel e Matias de Albuquerque, políticos como Francisco de Sousa Coutinho, Andrade Leitão, João Rodrigues Sá e António de Sousa de Macedo, economistas como Manuel Severim de Faria e Duarte Ribeiro de Macedo.

A par da energia absorvente que a guerra com Castela e a defesa das colónias exigiam, constrói-se largamente, levantam-se fortalezas e edificios, consoante a necessidade do serviço público. Nada se descarta!

E o Sebastianismo?! Mas o Sebastianismo foi um dos grandes factores da nossa independência, seja qual for a sua origem, e era mais o messianismo da esperança da ressurreição duma Pátria do que propriamente o messianismo pessoal da crença no regresso de D. Sebastião. Desmentindo vigorosamente a origem hebráica do Sebastianismo, António Sardinha vê nêle a corporização dum ideal colectivo de exaltação nacionalista, inacessível a qualquer depressão de ânimo.

O valor prático do Sebastianismo afere-se bem por uma passagem de D. Francisco Manuel de Melo, quando diz que «a proporção dos

CONSIDERAÇÕES

NA inquietação e na incerteza da hora grave que passa — hora entre todas de ameaça para o futuro — só raros se podem dizer no conhecimento do rumo a tomar, no segredo dos meandros sem número do caminho a seguir. Os outros incorporaram-se na caravana, caminham, embora a custo, mas vão cegos pela areia que o vento não cessa de lhes lancar ao rosto. Um desejo enorme de chegar, de repousar, os toma então. Seduz-os o imediato — illusória miragem. Ao que se lhes afigura o real não hesitam em sacrificar o ideal.

Ao que é transitório imolam o eterno. E naturalmente, irresistivelmente — porque demanda heroísmo a luta contra os tempos que correm — são levados aos excessos dum pragmatismo deplorável, reflexo último do materialismo agonisante dum século que não só quiz banir a Cruz dos altares da Cristandade como também pretendeu afastar Deus do coração dos homens.

Contra tal estado de coisas se ergue o protesto de Julien Benda — em nome da Intelligência menosprezada. E certos livros de Benda não devem deixar de figurar na bibliotheca do contra-revolucionário.

Eu dêe apenas conhecia *Belphegor*. — *nous pourrions nous plaire à ce qui s'y décèle de classique, de français et d'humain* (?). Ensaio sobre estética, *Belphegor* agradara-me inteiramente. Insurgindo se contra os artistas que uma sede de sensações escraviza, mantendo-os num sensualismo que os envilece, ou a ânsia da novidade tortura, levando-os a wil-

descontentes que fazia o governo castelhano, crescia o numero de sebastianistas, e que as primeiras reuniões dos conjurados para a revolução se convocaram como praticas sobre o sebastianismo». De-pois disto, para quê mofar dum dos mais poderosos elementos propulsores da restauração da independência?

A terminar, Sardinha pode dizer: *«Século de prosa, — de análise, portanto, éle é, entre todas, o século da cultura portugueza»*. Por isso-mesmo, maior deve ser o nosso empenho em reabilitá-lo aos olhos dos portuguezes cultos.

Não quis a morte que António Sardinha, como prometera, desenvolvesse mais os seus estudos sobre o século XVII, tão caluniado e afinal tão grande. Mas que esse século tem sido vítima do ódio sectário que feriu os jesuitas, provou-o Sardinha e provou-o Manoel Múrias.

Restam os cegos... Mas como abrir-lhes os olhos, se lhes os fecham voluntariamente?

Leão RAMOS ASCENÇÃO

disimos sem finalidade, a bisantinismos sem inspiração, a futurismos sem beleza — Benda mostra-se neste livro bem próximo de nós, nas idéas que em arte professamos, coerentemente com o que em religião, moral e politica temos por verdadeiro.

Li agora *La trahison des clercs* e juntamente — *La fin de l'Eternel*. Benda appareceu-me ainda mais próximo de nós, que em *Belvédère*. Desta vez, é contra os intellectuais que Benda se insurge — contra os intellectuais que a acção atrai e a sua vida subordinam o seu pensamento, numa renúncia em que se verifica um triste sinal da crise a que a Revolução nos arrastou.

Resalvemos porém, Julien Benda não ataca aqueles que sendo simultaneamente intellectuais e homens de acção, à sua vida ajuntam o seu pensamento, numa união benéfica.

Julien Benda, longe de ser contra-revolucionário, como se podia imaginar pelo que fica dito, é republicano, republicano democrático — e um dos sustentáculos da III Republica Franceza. Ao serviço desta, defendendo-a, chega o seu ardor até sofismar. Disso o accusou por exemplo René de Planhol, a propósito das *Notes sur la réaction*. E' que Benda — ao contrário do que preconiza — subordina o pensador ao politico, quando o exigem os interesses da III Republica. No entanto, como difere da retórica empolada dos tribunos liberais do século passado a linguagem sóbria e justa em que elle fala, quando as paixões partidárias não o perturbam! Como difere da sua equilibrada e forte mentalidade a mentalidade demagógica do pamphletário Rau! Proença!

Todo mudou, inegavelmente. Mudaram os homens. Mudaram as idéas. Mudaram as palavras. Hoje, até os republicanos democráticos mais intelligentes expõem doutrinas contra-revolucionárias!...

Quem bem pensar, com consciéncia e com clareza, é por nós, tem de ser forçosamente por nós — quer queira, quer não! Republicano democrático — e sustentáculo da III Republica — Julien Benda vai definir o individualismo. Como o vai definir? Como o definiram os enciclopedistas, com Rousseau à frente, do tambor-mor? Nada disso, Benda define o individualismo como: — *l'orgueil, en tant qu'il est la croyance de l'individu en son droit à la domination, le courage, la volonté d'accroissement, l'esprit d'agression, le mépris du droit d'autrui*. Assim, no individualismo se reúnem e ganham força todos os germens da guerra. A conclusão, pois, a que nos traz Benda, outra não pode ser senão que o individualismo é a guerra.

Está delinido o individualismo. E' a guerra, não o esqueçamos. Em que deve então consistir a missão da Intelligéncia, na maré alta do desenfreado individualismo dos tempos que correm? Na reacção, decerto, na reacção opondo um dique à anarquia, impondo a ordem — e com a ordem a paz. Benda continua conosco. O intellectual, segundo elle, é: — *celui qui proteste contre cette morale au réel (o individualismo) en honorant les valeurs idéales et désintéressées*.

Estas afirmações, que Henri Gouhier aproximou com felicidade num artigo recentemente publicado, são curiosas, significativas, elucidativas. Idêntica lição se tira da fórmula de Jacques Maritain — o primado do espiritual. *La trahison des clercs* e *La fin de l'Éternel* são apostrofes veementes aos que prostrados adoram os ídolos.

Primauté du Spirituel é o verbo condutor, num descerrar de mais amplos horizontes.

Expulsem-se primeiro os vendilhões do templo. Depois se prepare o templo a doutrina.

Primauté du Spirituel continua e completa *La fin de l'Éternel*. Por seu lado, *La fin de l'Éternel* continua e completa *La trahison des clercs*. Julien Benda põe o problema e anota-o, Maritain soluciona-o. Onde Benda se detem, Maritain apresenta-se-nos. Onde Benda se cala, Maritain afirma peremptoriamente.

Desaparecem as dúvidas que subsistiam — abraçadas nas nossas convicções como hera nas colanas. O pragmatismo gerou o amoralismo de que enferma Maurras. E Paul Archambault (?) tem neste ponto razão. *L'Action Française* é de facto uma escola pagã, onde a alma não conta e as atenções unicamente se demoram sobre o exterior. Combater por todos os meios é uma divisa que não nos serve. Deixemo-la aos *camisots du roi*, e que triunfem um dia! Quanto a nós, será pelos valores espirituais e morais — num apostolado constante — que nos prepararemos para dominar o temporal. *O génio da Nação fez a Monarquia; é a restaurará primeiro nos espíritos e na vida social e, depois, através da acção nacional, na vida do Estado*. Porque — nós sabemos — só poderá haver ordem no temporal quando a houver primeiro nos espíritos. *D'abord, mes amis, il faut mettre de l'ordre en soi* — é uma frase conhecida de Georges Valois, frase admirável, que se não refuta, que se aceita e se cumpre, sem discutir.

Francisco de PAULA

(?) — Henri Massis in «Jugements — le cas de M. Julien Benda».

(?) — In «Jeunes Châtres — Henri Massis».

Um livro que todo o integralista deve ler e divulgar:

L. de Poncins — Les Forces Secrètes de la Revolution (Fr.: M.: — Judat-me) — Éditions Bonard — 140, Bd. St. — Germain - Paris

Pedidos a qualquer livreria ou a administração da «Politica» que o envia contra reembolso — Preço 20800.

Uma revista que todo o integralista deve assinar

La Revue International des Sociétés Secrètes
8 Avenue Portalis — Paris — VIII

«LIÇÕES DE S.^{TO} TOMAZ» DO GOVÊRNO DOS POVOS

NESTA hora esplendida de ressurgimento em que as nações cansadas de sofrer, por mais de um século vítimas de ideologias falsas num gesto unânime preparam a realização de um acto de inteligência de renúncia à mentira revolucionária e de acatamento à verdade eterna do govêrno dos povos, de grande proveito será para nós, obreiros de tão grande empresa, escutarmos as lições de Santo Tomaz, o maior dentre os grandes filósofos da Igreja, príncipe do saber humano, cujos ensinamentos nos darão com a garantia da verdade que implicam, incitamento e consolação.

Foi no meditar de tal vantagem que folheei o «De Regimine Principum»⁽¹⁾, e tão grande foi em mim o entusiasmo despertado pela sua leitura que logo concebi a idéa de dar aos leitores da *Política*, um resumo fiel quanto possível, das boas idéas expostas nesse livro modelo de sciência e de lógica.

.....
Tudo o que teve um fim necessita de um principio director — tal é o raciocínio simples, pelo qual no mundo da teoria o grande filósofo attingiu a suprema razão de ser da existência da autoridade.

Cada homem recebe da natureza o principio director da razão, dom divino que a tudo bastaria se o homem no mundo não fôsse alguma coisa mais do que um simples indivíduo. Mas porque o é e no plano da criação não cabe lugar ao homem isolado, mas sim ao homem social que vive com os seus semelhantes e neles condiciona a sua própria existência, a razão não é bastante, porque resolvendo o problema do indivíduo, não pode de forma alguma resolver o da sociedade.

E porque a sociedade tem um fim muito diverso do fim de cada um dos indivíduos que a compõem, succede que é necessário buscar à sociedade um principio director. Esse principio director é a autoridade, é o govêrno. A sociedade não pode existir sem autoridade, porque como disse Salomão nos seus provérbios «onde não há govêrno, dispersa-se o povo».

Há — segundo Santo Tomaz — três formas diferentes de govêrno: República, que existe quando o poder é constituído por muitos indivíduos ou quando governa o exército; Aristocracia, o govêrno de poucos; Monarquia, govêrno de um só instituído por Deus segundo a palavra de Ezequiel (XXXVII, 24): «meu servo David será Rei sobre todos e todos o terão por único pastor».

Todos estes govêrnos são justos e bons enquanto condicionarem o bem comum mas desde que o não procurem serão injustos e maus.

Ainda que todos os 3 govêrnos possam ser bons e possam ser maus é sempre possível procurar o melhor, e o melhor será aquele que tenha mais razões para ser bom. Há portanto a investigar qual será o govêrno mais útil à sociedade, se o de muitos, se o de poucos ou o de um só.

A primeira condição da existência do bem comum é a Paz, isto é, a harmonia entre os diversos elementos do corpo social. Portanto busquemos a Paz. A Paz, porém, é uma resultante da unidade e porque o que é uno tende mais à unidade do que aquilo que é composto o governo de um só é o que melhor pode realizar a Paz. A unidade não existe num governo de muitos, neste apenas pode existir a união que é uma aproximação da unidade, mas porque a unidade é necessária à consecução do bem comum — conclui Santo Tomaz — o governo monárquico é de todos o melhor. E isto é assim com o testemunho da natureza pela qual Deus colocou nas creaturas um único coração, nas almas o princípio director da razão e no Universo a sua vontade suprema.

Tal como na arte a perfeição consiste na maior semelhança com a natureza também o governo dos homens tanto mais perfeito será quanto mais se aproximar da ordem natural das coisas.

O melhor governo é portanto o de um só: «optima gubernatio est quæfit per unum».

Recordemos a queixa de Jeremias: «os pastores (porque eram) numerosos devastaram a minha vinha».

Tem contudo desvantagens o governo monárquico. Se o Rei não é bom e se é senhor absoluto do povo que governa pode surgir a tirania, regime injusto, porventura o mais injusto e funesto de quantos possam existir. Exactamente porque sendo bom é o melhor, sendo mau, o governo monárquico é o pior que existe: «optimi corruptio pessimi». No entanto segundo Santo Tomaz o perigo da tirania é ainda maior na aristocracia ou na República, do que propriamente na Monarquia. De facto pela menor responsabilidade em que se acha constituído é mais fácil faltar às exigências do bem comum qualquer dos membros dum governo colectivo aristocrático ou republicano do que um Rei que é o único a governar e que tem sobre si todos os interesses e todas as responsabilidades.

O governo colectivo de muitos ou de poucos vive em perpétua ameaça de discórdia e como a discórdia é boa mãe das guerras civis, depressa podem ser as nações levadas à tirania brutal do vencedor sobre os vencidos, consequência irremediável das soluções à mão armada. A história — diz Santo Tomaz — dá-me razão: mostra-nos os Reis em Roma cedendo o poder aos magistrados da República e estes abrindo caminho aos excessos monstruosos do absolutismo imperial.

Se o governo monárquico é o que menos probabilidades oferece de corrupção nada obsta, porém, a que o combinemos com medidas de equilibrio social que, tendentes a condicionar o governo do Rei sem contudo pôr entaves à sua autoridade, conjurem por completo a possibilidade e os perigos da tirania. Essas medidas — diz o Santo — consistem na adopção dum regime mixto das três formas do governo que sob a autoridade do Rei dê lugar à nobreza e aos representantes do povo.

O bem comum que Santo Tomaz muitas vezes designa pelas expressões «bene vivere» e «vita secundum virtutem» é por êle mesmo definido, a

vida social segundo a virtude, segundo a sabedoria, a prudência e a justiça subordinadas à religião que conduz a Deus.

O melhor governo será conseqüentemente um governo de equilibrio em que tenham representação e sejam consideradas junto do Rei, as forças vivas da Nação devidamente organizadas e todos os principios religiosos, morais e sociais que devem condicionar a vida da comunidade nacional.

O governo misto que concilie com a autoridade do Rei, uma, forte, continua, interessada e responsável, o que de bom existe nos principios aristocráticos e republicanos — tal é portanto o grande ideal político de Santo Tomaz.

Sete séculos correram já desde que Santo Tomaz pensou e escreveu as iluminadas páginas do «De Regimine Principum»: passou a idade-média, tempo belo de santos e de heróis, de monges e de cavaleiros, eterno poema de Fé, de Amor e de Virtude, e após ella surgiu uma outra idade, a moderna, menos feliz, iniciada em Constantinopla num dia triste com o triunfo do turco Solimão e desaparecida três séculos mais tarde sob dilúvios de sangue na data lominosa e mil vezes fatal de 89.

Grandes e fundamentais diferenças existem entre o viver dos homens do nosso século e o viver dos homens do século XVII. Somos contemporâneos duma época única de civilização em que o engenho e a sciencia conseguem dia a dia novas maravilhas, mas para que mais uma vez possamos constatar o caracter eterno e imutável da verdade, reparemos na perfeita identidade em que se confundem as idéas políticas de Santo Tomaz e os principios do Integralismo Lusitano. O Integralismo de acôrdo com Santo Tomaz na necessidade da existência do Rei e na consciéncia dos superiores motivos que aconselham o regime monárquico, apresenta-se também na sua tendência descentralizadora em perfeita harmonia com a doutrina do chamado sistema misto. De facto que outra coisa não é a Doutrina política do Integralismo Lusitano senão uma sábia e bem estudada combinação das três formas de governo da classificação tomista?! As forças vivas da nação devidamente organizadas actuando no governo e impoñdo se nos destinos do Estado, que já foram realidade nos séculos felizes do periodo mediévo voltarão à vida na execução do plano integralista, realizando-se o pensamento de Santo Tomaz na organização das corporações da intelligéncia e do trabalho.

Santo Tomaz de Aquino e o Integralismo Lusitano estão portanto de acôrdo! E' commosco regosijarmo-nos por esta prova extraordinária de verdade que assiste à nossa doutrina política.

Demos Graças ao Deus Misericordioso, que inspirou a Santo Tomaz o formulá-la, e arreiguemos convicções!

António Maria do AMARAL PYRRAIT

(1) Tratado de Política escrito por Santo Tomaz no ano de 1265, e dedicado ao Rei de Cypre Hugo III.

UNAMUNO

NÊSTE momento não nos interessa directamente em Unamuno nem o ensaísta, nem o poeta, nem o novelista. Não nos interessa directamente em Unamuno o filósofo. E muito menos nos interessa nêle o homem — a quem até cões acorrentados melem mêdo...

No autor do *Sentimiento trágico de la vida* apenas nos interessa agora a influência que exercou e exerce na geração nova da Espanha.

El ha iniciado la fecunda guerra civil de los espíritus, de la cual ha de surgir — acaso surja — una España nueva. Isto escreve António Machado. E' uma afirmação notável. Tiremos-lhe o que de excessado contem — a fanfarrice dos adjectivos, e enthusiasmo partidário, as esperanças em que todavia a sombra duma incerteza se tapassa. E o que se conclue? Que foi o discutido professor de Salamanca quem lançou a geração nova da Espanha na tremenda anarquia mental em que hoje se debate...

Nós já o sabíamos. Mas gostámos de vêr o facto confirmado por um espanhol — e per um admirador de Unamuno. Entre nós e António Machado há profunda de semelhança nos critérios. No entanto, um ponto há em que estamos de acôrdo com António Machado: — em que foi Unamuno quem de facto iniciou a guerra civil. Não sofismamos. Não falseamos o sentido à afirmação de António Machado. Estamos de acôrdo com êle, em que foi Unamuno quem iniciou a guerra civil...

Obra de inegável nihilismo, tal nos apparece pois a acção de Unamuno como mentor duma geração que subia ávida de certezas e à qual, insidiosamente, o velho professor envenenou, incutindo-lhe as dúvidas em que se ficára sempre, sem coragem para as combater. Obra de dissolução, ella contribuirá grandemente para que a Espanha continue dando à Europa por mais alguns anos o cómico espectáculo de cavalgada trôpega de D. Quixote, perseguida pelas misérrimas do Laxrillo...

A nossa época é de rectificação mental. E' de renovação.

As dúvidas, as hesitações, as atitudes dúbias, foram património exclusivo duma geração que passou. Daquella geração que nos deixou por único património as paixões anti-católicas, a liberdade intellectual, a arte pela arte, o liberalismo — herança que registamos. Daquella geração que nos deixou ainda Unamuno — para amostra talvez. Geração que León Daudet justicieiamente estigmatiza, num livro conhecido. Geração que renegamos com Ernesto Psichari, por que contra o partido dos nossos pais nós seguimos o partido dos nossos avós.

A nossa época é uma época de fé. Uma época que ascende das

ruínas dispersas dum século criminoso, para as verdades eternas da Religião e para as necessidades imperiosas da Nação.

O deísmo vago dos que já não crêm em Deus, o cristianismo tolstoiano dos que não sabem ser crístãos, o universalismo dos que traem a sua Pátria em nome da humanidade, sacrificando pais e irmãos — tais foram algumas das principais epidemias que a nossa época veiu debelar, tais são os males de que enferma Unamuno. O Catolicismo e o Nacionalismo — tais são as duas forças que dominam os tempos que correm e a geração a que pertencemos.

Entre Unamuno e nós, há a diferença entre o que morre e o que vive . . .

Colocando-se ao lado de Unamuno, a mocidade espanhola deu pois um triste espectáculo de senilidade precoce. Não o queríamos para nós.

Ao passo que na Itália as Juventudes fascistas só pensam na pátria redimida, na terra que resgataram à custa do seu próprio sangue; ao passo que na França os mestres contra-revolucionários são os mais escutados pela gente meça; ao passo que na Alemanha, em Portugal, na Bélgica, na Suíça e na Hungria, o renascimento paralelo do Catolicismo e do Nacionalismo dia a dia se acentua, na Espanha por culpa de Unamuno e dos seus acólitos, toca-se imperturbavelmente, com uma seriedade que dá vontade de rir, a estafada ária da *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* . . .

Os estudantes espanhóis, esquecendo-se do século em que vivemos, preferem o abstracto ao concreto — quando a característica dominante dos nossos tempos é aquela viva predilecção pelas realidades de que fala Henri Massis. Dizem-se republicanos, querem uma democracia para a Espanha — quando por toda a parte as democracias abrem falência. Escultores do futuro, falam abertamente à sua missão e entre a tradição e o progresso — fenomenos inseparáveis — pretendem o inverosímil, negando a tradição mas exalçando o progresso, impossível sem o concurso desta. A utopia está na base dos princípios que adotam. São ilógicos nas conclusões que destes tiram. Assim, a perseverar no caminho que segue, ha-de vir a ter um lindo enterro a desorientada mocidade espanhola. E será mesmo Unamuno quem lhe cantará os responsos . . .

Porque Unamuno — é António Machado quem o afirma — *no será nunca un jefe de partido o paráida, o un castillo de nausos*. Mete os outros à buíha . . .

E afasta-se, prudentemente! Mas logo que a desordem analma, Unamuno recomeça a lançar aos quatro ventos a semente que não deixará decerto de fructificar. Um dia, porém, exgotada a gleba, a semente não fructificará mais. Então a Espanha ingressará na Europa, que a Inteligência Latina dirigirá, em proveito da civilização. A barbarie recuará para além da curva dos horizontes europeus. Dos frutos malsãos que da sementeira de Unamuno têm resultado, nada

POLITICA

ficará. A degradante escravidão dos mitos terminará. Com Unamuno, descerão também ao tumulo Keyserling, Romain Rolland, os jovens pseudo-intelectuais judeus que fizeram da Rússia um feudo da Ásia. A's ideologias falsas virá pôr termo a ordem pela autoridade. O Espírito reinará. A escolástica orientará soberanamente os que no labirinto das filosofias modernas ora andam perdidas. E contra a maré não se rema, convençam-se disso os espanhóis. E inutil. Mais tarde ou mais cedo, *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* — serão colunas partidas, á volta das qua's jámais acorrerão os cortejos lamentáveis dos pobres de entendimento.

DUTRA FARIA

«Numa sessão do Congresso, um deputado contou um facto típico, característico, que merece referir-se e de cuja autenticidade poderíamos duvidar se não se houvesse aduzido provas irrefutáveis. «Eu — disse o deputado — há uns meses tive occasião de recordar o caso ocorrido em Roma quando se intentava frustrar o nobre apelo á lealdade dos professores da Italia, apelo assinado por João Gentile que incitava os professores das escolas italianas a que perguntassem á sua própria consciência se elles se julgavam dignos e capazes de ministrar o ensino religioso aos filhos das familias católicas. Publicou-se uma circular dum Club secreto com sede em Roma, em que se exortavam os professores maçons a que se apresentassem ao cura ou ao bispo, frequentassem o curso de Religião instituido pelas autoridades ecclesiásticas, para depois nas suas escolas, ensinarem *maçonicamente* (fórmula textual) o catecismo católico.»

(Tradução dum folheto de propaganda fascista)

«O fenómeno mais típico da ilícita ingerência maçónica era o facto de officiaes e outros militares de menor graduação pertencerem ao mesmo tempo á maçonaria e ao exército, que deve ser escola de lealdade e coragem. Graves inconvenientes este estado de coisas trazia consigo. Foi possível verificar-se por exemplo que o chefe duma determinada Repartição Militar se encontrava na gerarquia maçónica subordinado a um official de posto inferior, em prejuizo da disciplina.»

(Tradução dum folheto de propaganda fascista)

nota politica internacional

A aspiração da paz é tão velha como o Mundo! E' ella do que há de mais forte no coração humano, do que mais há de bom e do que mais há de mau, do amor da próxima e do amor de si mesmo, da sua previdência e da sua segurança, do porfido e do medo.

Já não é de hoje nem de hontem, que os homens se procuram, que os homens se juntam em salzes antificissimas. Que do norte e do sul, das bandas do oriente e daquellas em que o sol se occide as gentes enviavam os seus poderes nas contradas remotas.

Mas como Deus está dotando de seus conselhos e o Verbo espedido dos Hebreus, juntam-se, disputam, barafestam, abscipinham-se. E quanto mais se conhecem mais se odeiam, mais se desprezam, mais se agrietas. E sempre ganham seus palcos com um pouco mais de lavoura e de colheita da terra e da fazenda do vizinho.

Rebela fiza de tom e acoda do palavras, polémica travessosa e descabelada entre a imprensa franceza e a do além dos Alpes. Teve este renovo de discussão, origem numa dessas assembleas, que, de há tempos a esta parte, se vêem multiplicando — em que se trata de guerras e que chamam de Paz.

A culpada, no caso presente foi a conferência de Londres, chamada dos Cinco, reunida a convite do sr. Macdonald com assistência de delegados das Estados Unidos, Japão, França e Italia. O assunto era a fixação dos máximos de tonelagem com desarmamento por categorias — a tonelagem global dos navios de alto bordo (capital ships) foi há esse arbitrada em Washington — das marinhas de guerra das potencias contrahidas e da daquella que da assemblea tomara a iniciativa.

Na Conferência dos Cinco o contributo só se preoccupou com dois dos convidados — Estados Unidos e Japão — que a outra pa-

relha era de vizinhos de comores valia, chamados por letra da firma a meter nos bedelhos na questão, com a condição do estarem por tudo, isto é, de ouvir e calarem, sob pena de os porrem na rua, se acaso se não portassem bem.

Logo de entrada o Sr. Beaumont, primeiro delegado americano, reclamos — e já não era ministro que o faria — a paridade com a Grã Bretanha. Pronto accedem o Almirantado ingles pela boca de Ramsay MacDonald, tendo para si que a posse de Gibraltar, Malta, Port-Said, Adem, Singapura e sobretudo Jamaica de partes do Panamá assignavam de sobrejo 4 armadas especial, em favor da americana — mesmo igual em tonelagem e artilhamento — esmagadora superioridade.

Sanada a questão dos submarinos — considerados como mais do combate insular e indigno — pela desistência das potencias partidárias da abolição, Inglaterra e America, surgiu da parte da Italia justificadissima pretensão de paridade em relação a França, pretensão de que resultou a saída de ambas da Conferencia. Alegava a Italia a sua quasi insularidade, a sua occidência absoluta de materias primas e seu considerável deficit em provisões de mão.

O Governo francez, sempre tão sollicito em atender exigencias d'alem Reno, tornou terminantemente incoher, senhor, negociações neste sentido. E' que há entre o d'Orsay Roux e a rua Caillot — e a politica externa franceza recente-se imuna do facto — istina coexistência. Concluiu-se por fim accordo isolado as tres principais potencias, ficando de fora as duas potencias europeias continentales.

E agora ao entdo os periodicos de ambas as nações, os francezes com o «Temps» à frente, os italianos com o «Popolo di Roma» e «Tercero» e o «Giornale d'Italia» descompondo-se com fúria, arrastando matutinos e outros parceiros de xaxxa da desfeita, trovejando contra elle, em chorrilho indignado, todos os anátemas do lexicon respectivo.

E' de passar a retribuição e não menos de passar o exito sem que Marte saça do innocentes ágapes no templo de Jann, senão seguro de balnearia certa.

Articulo de SOLZA REGO

politica académica

Uma obra notável

A obra que a Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa vem realizando merece ser olhada com a maior atenção e auxiliada com o maior cuidado.

Para nós que estamos habituados a prestar justiça ao valde, sabe que que é se encontra, é com tanta mais alegria e imparcialidade que lhe damos o nosso inteiro aplauso, quanto é certo que à frente da Associação dos Estudantes de Medicina se encontram adversários políticos nesses.

São já quatro os fallosos de proficácia social editados pela referida Associação e distribuídos graça e profusamente.

I — "Cuidado das crianças pela alimentação e pela hygiene"

II — "Contra a sífilis"

III — "Contra a tuberculose"

IV — "Contra a cancro"

Além disso estão os estudantes de medicina promovendo uma série de conferencias com o mesmo levantado objectivo de que já se realizou a primeira série de conferencia nas salas de a «Voz da Operário» sob a tema «Os males da Tuberculose» tendo sido conferente o distinto fisiólogo Sr. Dr. Cassiano Neves.

Para esta obra de altissimo valde chamamos a atenção de todas as pessoas beneméritas, já que nos não é dado invocar para ela a protecção do Governo da República.

A Paes do Austral, a França Martin, a Manuel Leitão, e a Mascarenhas e Mesquita novas adversários políticos, a Barakona Fernandes, e a Pereira de Lacerda, e nosso abraço de gratidão e incentivo e o nosso aplauso sincero que tornamos extensivo a todos os que os tem auxiliado na sua patriótica tarefa.

Federação Académica de Lisboa

Como contrasta singularmente com a nobre e patriótica actividade da Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa, a mesquinha e reles actividade... politica da Federação Académica.

Tomada de assalto por um grupo de mentalidades retrogradadas, escarvas do obscurantismo desevolucionario, a Federação Académica de Lisboa não representa hoje a mentalidade dos estudantes da capital.

Inçada de parlamentarismo por vicio de constituição, se ainda não haja a Federação Académica se não impoz pela sua obra, não há dúvida que por ela passaram nomes cujo prestigio pessoal ainda não passou.

Nunca as suas sessões marçaram pela realisação, mas chegaram a marcar pela vivacidade, correção e levantamento das discussões e das ideias.

Nos todos os delegados eram oradores e os muitos como tal se revelaram com brilho.

Pelo menos essas assembleias que não envergonharam a Academia como as de hoje, que são vazias de oratoria, vazias de ideias, vazias de mentalidade.

Nunca desceu tanto o nível mental da Federação. Toda a sua actividade deste ano se resume em ultima análise a um telegrama de saudação a Miguel Unzueta, telegrama enviado em nome dos estudantes da capital.

Nada mais é necessario de que hoje verdadeiros abissos de confiança para dar a nota de quanto a Federação está fira da sua orbita com prejuizo dos verdadeiros interesses que lhes estão confiadas.

Quando se revelarem os estudantes de Lisboa a, sendo de parte partidarios, olharem com atenção pela organização que, representando-os e doze, só pôde representar o que nos são os seus interesses e não o que nos divide como cidadãos?

d e a r t e

Teatro

Exposições

A 22.ª exposição de S. N. D. A. — Mais um tributo para os noivos, mais uma doação para os outros. Enquanto aqueles sabem, matam, se impõem, têm desceus, apagam-se, empenham-se. É natural. É lógico. Um século capitalista, outra século manilha de conquistas em conquistas. Não hesita, não se detém. Deves logo!

A revolução da arte — de que fala Maritain — vem aí.

Já a arte se desembarca, se liberta, ganha fôlego de noiva. A arte dos noivos. O modernismo. Lino António dá-nos *Precedentes* — uma tela que é um pedaço de vida posta em beleza, com passadores que lembram os heróis do Palácio e Portugal alargo, colorido, em todo o sentido...

Varia Aldemira dá-nos *Nestor* — simulação da trizena e da sandala, milagre da cor, esse veludo como nos quadros dos Venezianos, admiráveis de perfeição. Dóris Gomes dá-nos *Estuvas de madeira* — ostentação poderosa. Alai Nanta dá-nos também trabalhos curtos. E Tagarro um curioso auto-retrato — traço maravilhoso.

Logo em pintura a arte. Em escultura, como em pastel — banalidade...

Alinda em pintura, perde em sector diferente daquele de que tratamos, destaca-se Simão da Veiga — pintor forte, pintor da corria agitada e solteira, na *Escorpião*, retrata dessa arisco-trizena *escorpiões*, com resaltes de decadentismo...

E agora, para terminar, vamos ao que não gostamos — mas ao que não gostamos mesmo nada, ao que achamos péssimo, horrível.

Conhecemos pelo sr. Bonifácio Lázaro — até ao nome é infeliz! — a cujo *Proscênio* o abutre por engano deu o braço em vez de ruer o fígado. Assim sem braços, o *Proscênio* — coitadinho! — lembrou-nos um mantido da Guerra a pedir desculpa...

Segue-o o sr. Eduardo Malta, com um cavalo de pau. E ainda por cima lhe chama

«Depredações», de Virgílio Vitorino, no Nacional — Não se pode dizer que a peça de Virgílio Vitorino seja uma *trouxa*. Longo dia. É uma peça vulgar. Uma peça banal. Para ser teatro colonial; falta-lhe talvez ambiente. No entanto, merece a nossa simpatia, o nosso aplauso. É uma peça patriótica. É sobretudo uma peça esportiva. Nôta momento em que Angola recorda ainda a acção trágica do assassinato de Marim Sacramento, executado à tração pelas aventureiras, e simétricas acções se abrem como bando de agoritas avés, sobre as terras férteis da nossa África — a peça de Virgílio Vitorino é sobretudo uma peça esportiva.

A figura do colonial saído do povo, que luta pela pátria distante contra aqueles que dela esqueceram a missão de a defender — é uma figura bela, uma figura bem portuguesa, simulada numa natureza antiga.

A figura do missionário comovente. E as tentativas, têm todas um mérito no mesmo — o de não serem artificiais, a de viverem de facto, incansavelmente, umas na realidade que se degrada, outras na dor e no arrependimento que as elevam.

Para ser teatro colonial é insuficiente, concordamos. E poria já qualquer coisa — qualquer coisa que nos dê o direito de ficarmos esperando de Virgílio Vitorino uma obra superior. Uma obra mais segura, mais forte, mas do mesmo género, que contribua nesta hora de angústia para nos levantar da espregada e vil tristezza em que vamos consumindo os dias, inutilmente, quando à nossa volta se amontoa a ruína em prodígios de desgraça.

D. F.

para-sangue. Era caso para os para-sangues protestarem indignadamente!

E por aqui nos firmamos, sob pena de sermos mártires para dez gramas volume. Hoje tanta coisa — tanta — que achamos indigno de figurar numa exposição!...

D. F.

de letras

«O homem que mata o diabo», de Aquilino Ribeiro — Escrever é servir, é cumprir uma missão. A palavra escrita é pois em si apenas um meio — nunca um fim. Veículo da verdade, da verdade depende, Veículo da mentira, da mentira igualmente depende. Não tem independência. Não tem vida própria. Vale pelo que diz, não pelo que é — pelo fim que por ela se pretende alcançar, não pelo que nela intrinsecamente se contém.

A forma resolve as idéas. Mas sem as idéas, a forma não existe, a forma torna-se malabarismo de vocabulários raros, torna-se jogo de frases paradoxais, torna-se verbalismo que desagrada e aborrece. . .

Escrever bem é bem pensar. Que nos importa a elegância e o ritmo admirável desta página de Gide, se Gide é um apóstolo do mal? Que nos importa o brilho das imagens, o desfilhar harmonioso dos períodos, se Gide — *l'homme-égaré*? Destruidos por fora, podridões por dentro — como nas preciosas talhas esculpidas em madeira, madeira que não resiste ao tempo, madeiras que o tempo transeca, que tempo desfaz, que o tempo transeca em poeira inútil. Decididamente, preferimos antes a rudeza do romântico, em que se podia rir-se e trabalhar — e o Espírito malignamente transfigura em esculpções óscas, insuflando-lhes uma alma que falta aos rendilhados galantes do século XVIII.

Vem estas considerações a propósito dum livro de Aquilino Ribeiro. Não admiramos em Aquilino a sua prosa forte e rica, a sua prosa colorida e viva, saudável, cheia de sol. Não reconhecemos em Aquilino o estilista inspeccionado de *Jardim das Indústrias*, da *Estrela de Sant'ago*, das *Filhas de Sobrinhas*. Não gostamos das *Terras de deus*. Todavia, ao terminar a leitura do *Rosário*

que mata o diabo, não podemos deixar de mandar ao diabo o livro exorçando e em busca do *Ultimo altar de Jesus* nas fumas à estante, para o inferno. Talvez nossa réplica ao esculhir que Astero do Figueiredo romanesco, Aquilino Ribeiro dá-nos outro esculhir. Ao passo porém que o esculhir do Astero asceticamente procura Deus, o de Aquilino corre como um leão atrás das piros paixões. Ao passo que no esculhir duro da sua arte um se eleva até Aquilino que procura, o outro rebaixa-se, degrada-se, desce até ao ruído, até à simonia. Macário — o esculhir lamentável de quem Aquilino nos conta as lamentáveis aventuras — não ao menos tem a religião da beleza. . .

É um gárgalo. É um *astoterro*. Um miserável em ruínas. E sabe de quem é a culpa? Aquilino explica. *A culpa é do exemplo religioso que Macário recebeu nos conventos de franciscanos!* . . .

Depois da *Via Sionnes* — espécie de autobiografia, em que se fala dum esperanças rapazinho que começa por praticar inocentemente toda a casta de patifarias — depois do *Andar Juvenis pelos bosques* — sinfonia pagã, em que os sátiros são postos nas arvens e os padres pelas ruas da amargura — o *Rosário que mata o diabo*?

Cara franqueira, sr. Aquilino Ribeiro, assim não presta! Paga de outro mentalidade do colaborador do *Povo*. . .

Ora, sr. Aquilino, quer um conselho, um bom conselho um conselho do amigo? Faça também por matar o diabo, mas não com as armas do que o Macário se utilizou. Não, para matar o diabo não é preciso andar a reubar quadros das igrejas nem viver em Paris à custa duma actua. Basta criarmos uma cultura, estudar, escolher bons autores. Faça isso. Faça também por matar o diabo. . .

E até à vista.

Francisco da PAULA

ao ritmo da Ampulheta

GAZETILHA

*Alex, sagueta castiela,
quasi non è destillada,
Cherum quatuor cristianitas
para legissar in Arxida.*

*Estus quatuor cristianitas
datadas de lous criticas
Netho à sepra que nos dia
pouam formar ministros.*

*Mes patesa eitar seprax
que o dia uho rollerá
E a que atada clonar
mimo mima se colerá.*

*Elas atada mupras
como o Antonio Maria,
do Donalogue e do Cassaca
nos lher role a sanada...*

*Praxia, dicitur harrando
como hoi deato das curra!
Nho se ledevo de corollivos
que a pezar uorra nos barro!*

F. Gasparos

MONTALVO E BERENGUER

Escreve a «Liberdade» que a entusiasmo republicano da Espanha é qualquer coisa de desafiador e consolador, de transeuntes e enfadado.

Os expoentes salientes das novas ideologias, e desconhecimentos Unamens e o incerto Lerroux percorrem a Espanha de lé a lé deixando atraz de si, em tanto humilidade, ardendo em amor à Democracia o resacação dos homens.

O rio andaluz da Aliança Republicana, esgossando utilitariamente qual corrente furiosa, quando na montanha o sol fonda as nevas liberais, oressa, surge e ameaça.

Em Madrid, em Barcelona, em Bilbao, em Sevilla, em Cadix e em Cordova, fundem-se novos organismos, novas jornadas, fazem-se conferencias, reuniões, paradas de força.

Terra anástima, porém — cantismo a «Liberdade» — o leu é estagar dos simples — terra nenhuma sobtoreva em ardar sívico, em exaltância liberal e devação democrática e ainda em arrogação e altivez para com os governantes — a Montalvo, grande arte, imensa astropolo que certamente por desamar as ses sistemas a negra treaglio presoterven do mapa de Espanha.

E termina a «Liberdade».

«O governo Berenguer verificando a cada que avança, condescende».

Pais é, têm razão, carradas de razão e sr. Virgilio e os amigalhões do sr. Virgilio. Aquilo está por pouco! O General Berenguer condescende! Mas quer-nos parecer que não condescende a determinante immediata da condescendencia do general!

O golpe de misericórdia em seu ánimo ahogado?

Foi que lles vixam dizer, subitamente, de chefe, sem consideração para com a sua muita idade e possível lreito cardíaco, que Montalvo aderiu à República e — nesta altura Berenguer desaxista — que Filipeoton del Fresno lles seguira — Harro! — a exemplo.

GAZETILHA

*Anho é lha,
por axax cas
O Baso axax,
axax na lha.*

*Na axaxax
cas de lha
O Baso axax
a praxaxax*

*Mixado se lrebra
que ude fixaxax,
Na praxaxax
Verde axaxax.*

*E como a lha
Nho é axaxax
De lha axax
a quax lha deax*

F. Gasparos

a o r i t m o d a

BOCADINHOS DE OIRO

De ultimo numero da *Liberdade* transcrevemos alguns bons bocadoes de prosa que não fixariam mal numa antologia... da esquerda.

Escreve um tal Napier, que se concerta não é o abstrato, mas sim um animaloço qualquer de Sardoal que acologicamente pertence à grande familia do maniferas republicanos prohibitorios: «*Liberdade* não é apenas um vigoroso jornal republicano de brilhante collaboração (oh Baaa, esse berrão!) e intelligentemente coadjuvado pela deflagração ideologica do moço democrata Virgilio Matinha do Campos» Deflagração! O sr. Virgilio deflagra! O sr. Virgilio é explosivo! E de cada vez que o sr. Virgilio oratória, toma um artigo na prola, artigo que atrai os ares. Porque os artigos do sr. Virgilio são retumbantes. Querem vir? É uma frasezinha só, para aconsoar. Escutem: «A India luta pela democratização da India; a China pela liberdade da China» Que eloquencia! Que nobreza de expressão! A não ser que seja alguma graça o que lá estivesse:

A India luta pela liberdade da China; a China pela democratização da India. Seria ainda mais eloquente, mais original mais retumbante!

Mas o melhor, mas o melhor, mas o delirioso, e impagável, é o sr. Edmundo de Oliveira *ilustre* republicano e conhecido jornalista, cuja collaboração é pelo sr. Virgilio considerado catolico. Escreve o conhecido republicano e ilustre jornalista:—«Na Grecia — a Frangulada das monarchias, mesmo multi-seculares, mesmo de *divino* divido! buscou uma attitude suspensa de rei durante a Grande Guerra, para que o regime monarchico fosse declarado incompativel com a nação... Monarchia multi-secular na Grecia.

Sr. Edmundo! Não se metta em cavalarias altas, homozinhos! Só discorra daquilo que sabe. E' conselho de amigo e não lhe levamos nada por ele. A monarchia grega — qualquer Larousse lhe diz — não foi nem sequer seruldr, quanto mais multi-secular, por uma razão muito simples, mas razão capital. A Grecia esteve desde o século

XV dissaziada pelos turcos e só em 1830 se emancipou em estado independente, e até por sinal, em república. Em república, sr. Oliveira! Em república. E só depois de terem ensaiado um sistema democratico em que os helenos se viram gregos é que estes implantaram a Monarchia, uma Monarchia constitucional, liberal, que não tinha nada de direito divino. Qual direito divino! Sr. Edmundo! Qual carapaca! Parece impossível sr. Oliveira! Um jacobino! Um republicanista ilustre.

BEMAVENTURADOS OS POBRES DE ESPIRITO

Os estudantes algarvios fundaram um jornal de cultura, a que chamaram "*Monada*". Está claro que logo de entrada os rapaziños dão mostras duma lectura rara. São assim uma espécie de dândis dos collaboradores da *folha* do sr. Virgilio. Co, o rei da esquerda é o celebrissimo Baaa; lá é o Romem, um homem que ninguém conhece. Ao que os Roxozos chegaram!

Se fosse um baaa-na não nos admirava. Mas um romem — um romem sem Julietta, um romem republicano! Ao que tudo isto chegou!

Diz o Romem que é preciso tirar do magistério aquelles que se servem da sua posição para fazer propaganda das suas idéas romecindrinas. Pois é! Pois está claro! Jaculinas é que não! O diabo é que os professores jacobinos mal sabem ler, o que não admira! Jacobinismo é sinónimo de estupidão, assim como maconismo é sinónimo de expertise salada, daquella expertise própria dos labregos que nas feiras são capazes de impedir um burro por um cavalo. Não capazes até de impedir o Romem...

ESTILO CUIDADO

Transcrevemos da «*Liberdade*» o final dum artigo do Ex.^o sr. Presidente da Federação Académica da Universidade de Lisboa:

«Gandhi, enfrentado a possibilidade de

A m p u l h e t a

democratização, oferecendo a esportação livre de um homem adicto ao resurgimento da Idéa Iléu que ambiciona vomitar nos vultros dum enorme fanatismo.

Pertence? Pois é assim mesmo! Lembra-nos nos discursos, que os vultros cantam em pagueto, dum neno qualquer com prompções de bom falante, que acabava assim:

«Sape gato infalivelmente! Nunca vi homem mais exterior!»

OH ANGELO, NÃO

TE CONSTIPES

Mais um soneto que respirei no firmamento. E na serenidade sera par destes noites lindas de primavera, o brilho da cometa sobrelheira-se ao do próprio sol. O sol, o astro rei, já sobre quem é? E' o Bana, o neno Bana, o velho Bana. Pois o soneto é o sr. Angelo, o sr. Angelo Vas, que soltava também na «Liberdade», na «Liberdade» do sr. Virgílio, na «Liberdade» muito mal escrita que vai aos sabados, de novo, pelas ruas da cidade...

O sr. Angelo, é bestial. O integralismo — em os ataques do Basil Fagundes Proença — já estava sendo abalado. Pois agora — ante a invasão do sr. Angelo — só lhe resta morrer. Porque o sr. Angelo não está com ideias modifícas. Altra-cos com cada adjetivo que é mesmo de ronder a alma ao Cindor. Ele chama-nos estúpidos, grotescos, carloteiros, mil coisas, enfim. Até parece uma varita a quem não quizeram comprir o peixe...

Mas o gloc, é depois, quando diz que estamos tomados duma fera odiosa erega estra e parlanciamarismo. Oh filho, não é tanto assim! O parlamento com o vultreiro outra vez li dentro era um gaseo...

Imaginem o sr. Angelo a proclamar em S. Bento: — «A colla democrática taó alaga e subverte. Sera um sarcoo».

Mas por enquanto, oh Angelo, não te alagres, que te constipas!

ABOA, OH BANA!

O Bana sente-se arida. O Bana sente um

matos nos intestinos. O Bana quer vomitar. O Bana vai bater os ardeões do passario implume. Ora vêçam o que diz o Bana: — «A obra iniciada em 5 de Outubro prompção o polo e dignifico a lancheta, tarde-rabea. E, longe de ter sido um fim, ela é, antes, um começo: o ensaio doloroso, mas necessário, para mais altos vãos!»

Não há dúvida, oh Bana! Abba, oh Bana, abba! Abba alto! Mais alto de que a tua! Mais alto de que o sol! E então, será sufficiente a ditada popular e toda a gente passará a dizer: — Vãos de lurre chegaram ao obo.

Sim, porque o Bana nunca se cala...

CONFERENCIAS

No Grande Tradicionalista Festiçâo, realiso no dia 19 uma conferencia e zono querido camarada e particular amigo Francisco Galvão, subordinado ao titulo «A Igreja e a Política». Esta conferencia que foi proferida pela Junta Escolar de Lisboa de L. L. será brevemente posta à venda. Daremos então mais ampla noticia.

Por agora limitamo-nos a felicitar calorosamente o amigo e camarada — companheiro fiel de trabalho e de lancha. A Francisco Galvão, não obstante a sua pouca idade — que é aliás a pouca idade de todos nós — podemos já aplinar pela sua cultura, pela actividade de seu espirito e pela segurança da sua orientação, aquella designação de oneta intelectual de que usa João Henriques Mascis — designação que exprime todo o drama fuma geração a que se luppõe a obra misso de restaurar e trabalhar a Intelligencia.

AGRADECENDO

A' *Revista* agradecemos a transcriçao de parte do artigo de José Agostinho, publicado no nosso numero 19 sob o titulo «O estilo de António Sardinha».

As *Noticias da Coedica* agradecemos tambem as elogiadas referencias que fez no nosso numero 19.

Integralismo Lusitano

BOLETIM OFICIOSO

LISBOA

Junta Provincial da Estremadura

(Constituição provisória)

Foi aprovada pela Junta Central a seguinte constituição provisória da J. P. E.:

Presidente — Dr. Chaves d'Almeida, advogado e jurista.

Secretario — Luis Chaves, professor, antigo official do exército.

Tesoureiro — Engenheiro Higinio de Castro e Melo.

Vogal — Dr. Mata Cabral, médico — Dr. Sarmiento Brandão, advogado, como Presidente da J. M. L.

COIMBRA

Respondendo ao convite que a Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, dirigiu a esta Junta de Coimbra, foi recebido comitar ao mesmo amigo e camarada José Maria Miranda da Rocha, o cargo de redactor representante da Junta da Revista Política, confidando em que a boa vontade, intelligencia e dedicação deste nosso camarada, são garantia de bom desempenho da missão que lhe confiamos.

A Junta Escolar de Coimbra

PORTO

Quadros da Junta Escolar

Em reunião desta Junta foram aprovadas novas adesões e a constituição do Nucleo do Liceo Rodrigues de Freitas.

Novas adesões

Philipe Pereira (F. E. U. P.), Antonio Parranato de Matos Cabral (E. B. A.) e Peito Dória P. Amorim da Costa (F. M. U. P.)

Nucleo do Liceo Rodrigues de Freitas

Presidente — Arsaldo Alegre de Magalhães

V. Presidente — Fernando Ferrão Pinto Moreira.

Vogal — Carlos Pereira de Melo, Abílio Sousa Marques, Mario de Oliveira, Mario de Oliveira Brito e Antonio José Salta.

Comunicações

Comunicamos a todos os nossos camaradas e amigos que a revista «Política», órgão da Junta Escolar de Lisboa, passou a ser tambem, desde o seu n.º 11 órgão de esta junta.

A Junta Escolar do Porto

CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos
Partos — Sífilis

CONSULTAS

Largo José Fontana, 12-2.º (às 16 horas)

DR. MARIO CARDIA

Médico dos Hospitais

■ Doenças das senhoras.
Partos. Cirurgia ■

Tratamentos pelo rádio e electricidade
AVENIDA DOS ALIADOS, 41, 1.º - PORTO
— TELEPHONE 4307 —

MIRA DA SILVA

■ ■ MÉDICO ■ ■

Avenida Almirante Reis, 57 - A, 1.º
— LISBOA —

DR. COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos
CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33 - Tel. 2 2821

A's 14 Horas

DAFUNDO: R. Paula Drape
A's 17,30 H.

Não há CAFÉ como o de

A
P
A
U
L
I
S
T
A
N
A

A' venda no

Largo de S. Domingos, 12 e na
Av. Fontes Pereira de Melo, 52-52 B
(A abrir brevemente)

AFONSO LUCAS

ADVOGADO

Rua Arco da Bandeira, 70, 2.º

TELEPHONE C. 642

----- LISBOA -----

Martinho Nobre de Melo

ADVOGADO

Rua de Santa Justa, 82, 2.º

Telefone Norte 4352

----- LISBOA -----

A. Nunes e Silva

Advogado

TELEPHONE CENTRAL 642

Rua Arco Bandeira, 70, 2.º

— LISBOA —

Dr. Amaral Pyrrait

MÉDICO

Consultorio — Rua Anchieta

----- LISBOA -----

Arthur de Campos Figueira

Advogado

Rua Nova do Almada, 54, 2.º

TELEPHONE CENTRAL 3054

Lisboa

Antonio J. Freire

Clinica Médica-Psicoterapia

Consultorio: Rua de St.ª Justa, 6, 1.º

As 2.ª, 4.ª e 6.ª — Das 15 às 18 h.

TELEPHONE TRINDADE 3384

Residência: R. da Junqueira, 279, 1.º

TELEPHONE BELEM 487 — LISBOA

Ferreira Cardoso

Advogado

RUA GARRET, 56, 3.º — TELEPHONE T. 11

— LISBOA —

José Guilherme Ryala Monteiro

Advogado

Rua dos Douradores, 72, 3.º D.

TELEPHONE C. 909

